

**A PERSPECTIVA DO COLONIZADOR: NOTAS SOBRE A CARTA DE
PERO VAZ DE CAMINHA**
THE COLONIZER'S PERSPECTIVE: NOTES ON PERO VAZ DE CAMINHA'S *CARTA*

Jaime Ginzburg¹

RESUMO: Este ensaio analisa *A Carta*, de Pero Vaz de Caminha, sobre a perspectiva do colonizador europeu. Considerando a noção de “processo de heteronomia colonial”, proposta por Renato Janine Ribeiro (1999), pretende-se mostrar que a nossa formação social está calcada em valores traumáticos, a começar pelo massacre legitimado dos indígenas. Neste sentido, *A Carta* tem grande interesse para a constituição da consciência crítica contemporânea, uma vez que o texto de Caminha aponta para os primeiros momentos de nossa formação social.

PALAVRAS-CHAVE: *A Carta*. Processo colonizatório. Trauma. Violência.

Escrita entre os dias 26 de abril e 1.º de maio de 1500, *A Carta* de Pero Vaz de Caminha consiste no primeiro documento formal referente à colonização de nossa terra. O autor, antes de ser escrivão da armada com que Pedro Álvares Cabral chegou ao nosso litoral, foi vereador na cidade do Porto. Faleceu em dezembro de 1500, em um combate.

A Carta tem como propósito relatar ao Rei de Portugal, D. Manuel I, a experiência dos primeiros contatos entre portugueses e nativos. O texto integra a narração de episódios com a contemplação do espaço, e associa procedimentos descritivos a comparativos. Pressupostos culturais e ideológicos ligados à formação do grupo colonizador norteiam as estratégias de representação da realidade empregadas por Caminha. Ao descrever um dos indígenas, ele afirma: “Esse que o agasalhara já era de idade e andava por galanteria cheio de penas pegadas pelo corpo, de tal maneira que parecia um São Sebastião cheio de flechas”. A referência ao santo cristão confere clareza visual à representação, através da remissão a uma imagem familiar ao universo religioso do grupo colonizador, que será facilmente reconhecida pelo Rei. No entanto, a figura nada tem a ver com a formação cultural dos indígenas, que são expostos de um modo estranho à sua própria identidade cultural.

O pesquisador Gordon Brotherston demonstrou como é importante, para compreender os documentos de colonização da América, delimitar a perspectiva de percepção dos fatos

¹ Doutor em Letras. Professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: ginzburg@usp.br. Este texto é uma versão ampliada do artigo *A Carta de Caminha e a origem do Brasil*, publicado no Caderno de Cultura do jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, em 25 de março de 2000.

(BROTHERSTON, 1993). Em toda a América Latina, sabemos muito pouco sobre o que os nativos pensaram e sentiram no século XVI. Caminha formulou a base de nossa História, em uma linha interpretativa condicionada pelos valores de seu grupo. O ponto de vista eurocêntrico estabelece a pauta de referências em função da qual os acontecimentos são interpretados.

A Carta expõe em detalhe reações dos indígenas à exposição de animais trazidos no navio, havendo situações de estranhamento, evidenciando que o universo de experiências dos nativos não compreendia elementos que eram simples e banais para os portugueses. Apresenta também reações a contatos com objetos dos europeus.

Um dos aspectos preferenciais do interesse de Caminha está na religiosidade. Observando a conduta dos indígenas, o escrivão defende que eles não teriam qualquer crença, pois não reconhece em seus atos formas de comportamento religioso, de acordo com os códigos europeus. Ao verem a confecção de uma cruz, os índios estariam mais interessados em conhecer o instrumento metálico utilizado para o trabalho, do que na cruz propriamente dita. Caminha considera haver ausência, por parte deles, de um senso de sacralidade compatível com a imagem da cruz.

A missa cumpre um papel fundamental nos momentos iniciais da colonização. Os indígenas acompanham a movimentação dos colonizadores e, de acordo com *A Carta*, passam a imitar a conduta do grupo português. Essa disposição mimética, que abre a possibilidade da aprendizagem de códigos culturais, é a chave fundamental para que Caminha encontre no comportamento dos nativos a sujeição necessária à incorporação de idéias cristãs. Analisando as imagens pictóricas dedicadas ao tema, Eneida Leal Cunha observa que, nelas, encontramos os nativos “pacíficos, atentos, reverentes, integrados e submetidos ao fascínio do ritual civilizado europeu, os olhares convergindo para o centro, para a cruz” (CUNHA, 1995, p. 63). No final do documento, essa chave permite a argumentação favorável à exploração. A possibilidade de tornar os índios cristãos é uma condição de viabilização do domínio político.

Uma das marcas mais fortes da percepção do distanciamento entre as duas culturas está na representação da nudez dos indígenas. A palavra “vergonha” aparece no texto utilizada ora para designar embaraço, constrangimento, ora como forma de referir aos órgãos sexuais dos indígenas. A exploração dessa dualidade semântica do vocábulo, ao acentuar a percepção de que a nudez sem constrangimento dos indígenas é inquietante para a moralidade portuguesa, marca a diferença entre as concepções de comportamento de colonizadores e

nativos, sob a ótica de uma consciência espantada, surpreendida com a maneira de os nativos lidarem com a exposição pública do corpo.

Vale lembrar que, no século XX, referências diretas ou paródicas a *A Carta* surgem em obras dedicadas à compreensão da formação do Brasil. Entre as mais conhecidas, estão o livro de poemas *História do Brasil*, de Oswald de Andrade, e a canção *Tropicália*, de Caetano Veloso. Oswald, dotado de irreverência crítica, elabora uma paródia, da qual cabe registrar um fragmento:

Eram três ou quatro moças bem moças e bem gentis
Com cabelos mui pretos pelas espáduas
E suas vergonhas tão altas e tão saradinhas
Que de nós as muito bem olharmos
Não tínhamos nenhuma vergonha

(ANDRADE, 1971, p. 80)

O autor subverte a ordenação de elementos lingüísticos proposta por Caminha, e atribui a possibilidade de ter vergonha perante a nudez indígena não aos nativos, mas ao sujeito que enuncia o discurso. O texto chama a atenção para a ausência de constrangimento moral por parte de Caminha, quando elabora sua descrição. Ao fazê-lo, com o recurso da paródia, ironiza a instância autoritária que julga os nativos em perspectiva eurocêntrica, expondo a ausência de embaraço do grupo colonizador, e relativizando a sua solenidade formal. Em sua poética, Oswald de Andrade propõe a crítica desmistificadora da imagem da sociedade brasileira como fundada harmônica e pacificamente pela cultura portuguesa, procurando ressaltar o componente repressor presente na colonização.

Voltando especificamente ao texto da *Carta*, a avaliação dos indígenas, em perspectiva eurocêntrica, atribui aos índios uma inferioridade intelectual, tratando-os de “gente bestial”. As condições de subsistência do grupo nativo espantam também, pela diferença com relação aos modos europeus. Embora por um lado considere os nativos como estando aquém dos padrões de civilização portugueses, *A Carta* encoraja a exploração pela viabilidade de transformar os índios, pela conversão religiosa.

O relato não se dá de maneira inteiramente precisa. O documento contém marcas de incerteza por parte do Autor, que a certa altura fala em “dezoito ou vinte homens”, e em outro ponto menciona remoto “sessenta ou setenta homens”. No entanto, predomina uma intenção de objetividade e clareza. Elementos narrativos e descritivos se integram em uma linguagem fluente, que não dispensa a marcação de um senso de hierarquia, em que a humildade do

Autor indica sua reverência para com a figura do Rei, tratado respeitosamente como “Vossa Alteza” e “Senhor”. A linguagem empregada para tratamento do interlocutor é importante como marca das condições sociais de produção da *Carta*, como explica Jarbas Vargas Nascimento (NASCIMENTO, 1997).

Em termos políticos, *A Carta* consiste em um passo fundamental na avaliação do interesse em levar adiante o processo de colonização. O texto expõe, em coerência com o espírito mercantil que sustenta a viagem de Cabral, a expectativa de encontrar recursos minerais. O aspecto mais forte da formulação de uma imagem do futuro está na idéia, defendida no final do texto, de que os índios podem ser convertidos sem dificuldade ao cristianismo. O que se sugere não é de modo algum respeitar e preservar o modo de vida dos nativos, mas sim transformá-lo, para aproximá-lo de padrões cristãos portugueses. O interesse com que os nativos observavam os atos religiosos dos portugueses motiva Caminha a sugerir para Vossa Alteza que é possível lançar uma semente “salvando” os nativos, propiciando sua vivência da fé cristã. *A Carta* deixa, em suas indicações, abertura de expectativa suficiente para o poder português acreditar em uma possibilidade de investir no processo de colonização.

A sinalização dos interesses portugueses, para o olhar atual, antecipa o que Renato Janine Ribeiro caracterizou como o processo de heteronomia colonial, de caráter predatório, que tem um valor traumático em nossa formação social (RIBEIRO, 1999, p. 11). O processo histórico mostrou que, com o passar das décadas, tribos indígenas foram massacradas pelos colonizadores. Muitos massacres eram legitimados, tanto no campo político, quanto no religioso, pelo poder colonizador. O poema épico *De Gestis Mendi de Saa*, de José de Anchieta, de 1563, traz uma representação literária da violência contra indígenas, considerada necessária para trazer as “luzes” de Portugal para as “trevas” de nossa terra.

A leitura da *Carta* interessa muito à formação da consciência crítica hoje, pela expressão dos fundamentos da política que conduziu os primeiros passos de nossa formação social. Conhecer esse elo que temos com nossa origem, construído em é importante para compreender a conexão profunda entre a política exploratória do processo colonizador e a perspectiva eurocêntrica, através da qual os nativos eram percebidos como sujeitos à transformação em favor dos portugueses.

ABSTRACT: This essay analyses Pero Vaz de Caminha’s *A Carta*, on the perspective of the European colonizers. Departing from the idea of “heteronomy colonial process” proposed by

Renato Janine Ribeiro (1999), we shall show that our social values are grounded in trauma, beginning with the massacre of indigenous legitimacy. In this sense, *A Carta* is of great interest to the constitution of contemporary critical consciousness, since the text highlights the first moments of our social order.

KEYWORDS: *A Carta*. Colonization process. Trauma. Violence.

REFERÊNCIAS

ANCHIETA, José de. *De Gestis Mendi de Saa Poema Epicum*. São Paulo: MEC, 1970.

ANDRADE, Oswald de. *Poesias reunidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. Obras Completas, VII.

BERND, Zilá; CAMPOS, Maria do Carmo (Orgs.). *Literatura e americanidade*. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

BROTHERSTON, Gordon. La visión americana de la conquista. In: PIZARRO, Ana (Org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: Unicamp, 1993. v. 1.

CASTRO, Sílvio (Org.). *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 1987.

CUNHA, Eneida Leal. A estampa originária da dependência. *Brasil / Brazil*. Porto Alegre, Mercado Aberto, PUC-RS, Brown University, 1995. ano 8. n.13.

Letras. Santa Maria: Mestrado em Letras da UFSM, 2000. n. 16. Tema *Literatura, violência e direitos humanos*.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas. A carta de Pero Vaz de Caminha: um discurso de identidade do povo brasileiro. *X Seminário do Cellip. Anais*. Cascavel: Unioeste, 1997.

RIBEIRO, Renato Janine. A dor e a injustiça. In: COSTA, Jurandir Freire. *Razões públicas, emoções privadas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

CD A arte de Caetano Veloso. Polygram / Philips, 1988. 8436 238-2. Faixa 3 – *Tropicália*.